

**Por uma leitura *underground* da vida literária:
Breves reflexões a partir de “Boemia literária e revolução¹”, de Robert Darnton**

Daniel Castello Brando Ciarlini²

RESUMO: Discutindo a importância da visada *underground* da vida literária, o artigo propõe, a partir do método utilizado por Robert Darnton, em “Boemia literária e revolução” (1989), uma metodologia de pesquisa que engloba ferramentas não intencionais, a fim de analisar um fato literário em instâncias específicas do sistema literário.

PALAVRAS-CHAVE: Underground; Vida literária; Clandestinidadade.

SUMMARY: Discussing the importance of the literary underground, this article proposes, based on the methodology used by Robert Darnton in “The Literary Underground of the Old Regime” (1982), a research methodology which incorporates unintentional tools with the goal of analyzing a literary fact in specific instances of the literary system.

KEYWORDS: Underground; Literary life; Secrecy.

Mapear a vida literária de um período, dentro de um determinado espaço geográfico, é um desafio que exige, antes de tudo, senso de percepção sobre o escrito e o omitido ou preservado em outras instâncias de interesse vário. É quase um trabalho de arqueologia textual, em que a busca por rastros, que o tempo maculou, é uma aventura de meditação e de perspicácia.

Se de um lado temos a parte visível do sistema, preenchida por memórias, diários, cartas, publicações literárias várias, fotografias, documentos, relatos em entrevistas que os agentes da história legaram, há também aquilo que está além da mera interpretação dos dados coletados – uma camada que exige esforço para enxergar, porque omitida de tudo que vem

¹ Título original: *The Literary Underground of the Old Regime* (1982).

² Doutorando em Letras (Estudos de Literatura) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Orientadora: Maria da Glória Bordini.

aos olhos. Em outras palavras, fala-se daquilo que por uma ou outra razão foi omitido, silenciado e colocado de lado de tal forma que, às vezes, sequer, é possível rastrear sem a ajuda de outras ferramentas do campo de pesquisa, como a própria ficção ou um dado solto, um manuscrito, quase sem intencionalidade, notas esparsas de um livro, catálogos de bibliotecas particulares, de um dossiê ou periódico, muito embora se reconheça que “Os periódicos [no que se refere à recepção] não parecem boa fonte para se obter informações estatísticas sobre os gostos dos leitores” (DARNTON, 1989, p. 178). Apesar disso, a imprensa não deve ser desprezada, afinal de contas, além de ser suporte excelente a gêneros de toda ordem, do informativo ao criativo e crítico, pode indicar o início de um percurso. Logo, esse “oculto” que se busca é ainda tudo aquilo que pode vir à tona sem o filtro, o controle prévio dado às informações com o intuito de audiência.

Robert Darnton, enquanto historiador, é um desses homens que investiga o que está além do dito e do sobredito. A sua procura é mais profunda, ele quer o infradito, ou melhor, aquilo que está omitido nos discursos da história. Em últimas palavras, ocupa-se da cena *underground* da vida literária. E para isso teve que dispor de novos métodos e diferentes materiais, à procura não dos tratados filosóficos, textos ficcionais ou daquilo que se quis levar conscienciosamente a lume, mas aquilo que ficara perdido como detritos, cuja “escavação” pode revelar um ponto de vista distinto. Seu trabalho *Boemia literária e revolução* vem, portanto, como um produto que prova: por trás de toda a parte visível da história, há um conjunto de circunstâncias e produções que sobrelevam aquilo que se promulgara; mais, é nessas camadas de profundidade que se compreende a gênese de ideias, inclusive as revolucionárias, que uma dada sociedade marginal “invisível” promulgou. Darnton, assim, aplicando essa visão, dá voz à reflexão do historiador Braudel (1958³), quando no ensaio “História e ciências sociais: uma longa duração”, observara sumariamente: “Não há sociedade, por mais rústica que seja, que não revele, desde que observada, ‘as marcas do acontecimento’, tampouco há sociedade cuja história tenha naufragado completamente” (BRAUDEL, 2011, p. 100).

³ Ano originário de publicação do ensaio, em *Annales ESC*, vol. 13, n. 4, out.-dez.

Logo, essa é uma leitura que parece confirmar aquilo que só suspeitávamos quando iniciamos os estudos da vida literária – por essa razão, ainda se mostra atraente do ponto de vista analítico e investigativo, afinal, a produção de um livro, que aparentemente é um fim, esconde uma teia de significações e ocorrências que cabe ao historiador, literário ou não, interpretar. Em suma, é a prática daquilo que Darnton ilustra: “pelo prisma das cartas comerciais e dos relatórios da polícia, um homem pode parecer algo diferente do retrato exibido em suas memórias” (DARNTON, 1989, p. 50). Um desafio, *in nuce*, que esse pesquisador caracteriza como um campo escasso e de difícil acesso, pois se o seu objeto é a cena *underground*, é evidente que os agentes nela inseridos, os subliteratos, viveram “numa obscuridade que, com o passar dos tempos, foi se tornando progressivamente impenetrável” (DARNTON, 1989, p. 111).

A importância desse tipo de pesquisa pode nos levar, por conseguinte, a mais um passo na compreensão do perfil intelectual de época, de espaço ou de sujeitos. Um dos pontos de partida aos estudos aqui denominados de infradito, na investigação de Darnton, responde por aquilo que a história põs na clandestinidade. E é nesse ponto em específico que se tira, por exemplo, a primeira das justificativas que leva a valorar tamanho empreendimento, muito além de um estudo da censura, posto que esta está nos limites do dito e do não-dito, uma chave, talvez, ou ainda, um primeiro rastro para se chegar a essa camada *de baixo*:

A clandestinidade teve especial importância no século XVIII: a censura, a polícia e uma corporação monopolista de livreiros tentavam sujeitar a palavra escrita aos limites impostos pelas ortodoxias oficiais. *Ideias heterodoxas só podiam circular através dos canais da clandestinidade* (DARNTON, 1989, p. 8, grifo nosso).

A clandestinidade e os personagens silenciados que nela habitam são, por sua natureza, o veículo condutor do infradito, daí a importância de sua investigação, pois sugere uma visão dialética de um período. Um trabalho, no entanto, difícil de ser organizado dentro de um vasto painel, o que exige, em vez disso, a preparação de vastos esboços: “O esboço em ciência histórica, permite transfixar os homens no momento da ação, iluminar os assuntos sob uma luz insólita, focalizar complexidades por ângulos diferentes” (DARNTON, 1989, p. 8-9). No Brasil, o maior exemplo dessa percepção e trabalho foi dado por Brito Broca, que se notabilizou no campo da historiografia da vida literária brasileira, e cuja obra, escrita, talvez

inconscientemente, nesse padrão admitido por Darnton, é resultado de inúmeros ensaios legados à imprensa brasileira, versados nos mais distintos períodos da literatura.

Uma vantagem que se ergue aos olhos do pesquisador quando faz uso desse método, logo, está na análise do material coletado e parcialmente interpretado, a fim de que em seu processo se reconheçam as possíveis ligações e se estabeleçam os primeiros filtros, salvo alguns prejuízos, que viabilizem a leitura do recorte histórico. No caso da pesquisa de Darnton, pautada na cidade de maior capital literário do Ocidente no século XVIII, Paris, reconhecem-se algumas dificuldades:

A república das letras estava cheia de pobres-diabos, homens reais, de carne e osso, que brigavam para conservar suas miseráveis vidinhas executando qualquer serviço com que topassem – compilar antologias, escrever para jornais, mascatear manuscritos, contrabandear livros proibidos, espionar para a polícia. Ser pobre-diabo era um modo de vida, mas é difícil reconstituí-lo (DARNTON, 1989, p. 111).

Se a reconstituição de um modo de vida é um problema, que envolve questões de ordem vária, como vestígios e mesmo interpretações, avalie-se quando esses modos se processam em um ambiente clandestino, cuja censura, muitas vezes, inviabilizou a presença de rastros. Apesar disso, não custa perceber que a parte visível do que se projeta da literatura, como por exemplo o que se levou a lume através da imprensa, representa, na realidade, uma parcela muito diminuta, e imposta, do que se constitui nos bastidores da cena *underground* da vida literária. Talvez por essa razão Darnton, no percurso de seu método, se depara com um fato: “era permanentemente atingido pela impressão de que a vida se projetava da obscuridade, adquiria caracteres distintos e pessoais, revelava-se enquanto escrevia, imprimia ou traficava livros” (DARNTON, 1989, p. 9). Isso porque seguir tal caminho, além do que os livros (produtos acabados) supunham, é permitir-se, por questão de método, novos questionamentos e tomadas de posição sobre o já definido. E é dentro desse rol que Darnton levanta alguns pontos, que, admitidos à luz de uma investigação, poderiam muito bem nortear problemas que surgem quase no mesmo diapasão.

A primeira pergunta levantada como problema é: “Como os escritores tentavam fazer carreira na república das letras?”. É claro que o termo “república das letras”, aqui, refere-se mais especificamente à Paris do século XVIII, que se tornou, como indica Casanova, a

“capital literária [...] um lugar para onde convergem ao mesmo tempo a maior crença e o maior prestígio literários” (CASANOVA, 2002, p. 40). Nada impede, porém, no caso de uma análise mais localista, a partir das percepções de territórios literários, a substituição desse termo por outro que evidencie um espaço distinto e, por conta de uma evidente manifestação das letras, carregue também a sua história “subterrânea”. Os demais problemas levantados são, *por soi e en soi*, de indicação mais genérica, facilmente aplicáveis a objetos e recortes específicos; atrelados ainda a um sistema literário constituído ou, pelo menos, em formação: “Sua condição socioeconômica influía em seus escritos?”, “Como operavam editores e livreiros?”, “Seus métodos comerciais afetavam de forma significativa o custo do livro?”, “O que era essa literatura?”, “Quem a lia?” e “Como era lida?”. Inevitável, pois, é a observação de algumas pontas do sistema literário: a primeira pergunta dessa ordem, por exemplo, tem relação direta com o impulso da produção. A segunda e a terceira atentam para o que está por trás do mercado; já a quinta e a sexta têm relação direta com a recepção; enquanto a quarta busca compreender a convergência dos vértices que compõem todo o circuito. Embora parte desses questionamentos tenha conexão direta com a produção e recepção de um livro, é mister mais uma vez situá-los como índices, apenas, de um contexto que vale a pena perseguir: “Precisamos saber mais sobre o mundo por trás dos livros” (DARNTON, 1989, p. 11), alerta o autor, destacando, para tanto, a contribuição imprescindível, mesmo antitética, dos chamados “subliteratos”, que irremediavelmente levam a levar em conta essa clandestinidade de que se tem falado aqui. Esse “mundo por trás dos livros” acentua-se, na França do século XVIII, justamente quando se torna clandestino, daí a razão de ser uma “indústria de grande vulto [que] precisava de mãos para produzir e carregar mercadoria, e recrutava escrevinhadores entre a faminta população da boemia literária de Paris” (DARNTON, 1989, p. 115).

Pensar, pois, a condição socioeconômica dos escritores é uma via a ser percorrida para a destituição da aura que o tempo e os sistemas de cogitação filosófica e literária impuseram aos indivíduos produtores de arte. É o olhar de desconfiança que se lança sobre a superestimação, numa retomada de sentido que põe o homem de letras no patamar de uma análise enquanto *persona*, para aqui nos utilizarmos do conceito de Luiz Costa Lima, de que esta “não nasce do útero senão que da sociedade. Ao tornar-me *persona*, assumo a máscara

que me protegerá de minha fragilidade biológica. [...] só se concretiza e atua pela assunção de papéis” (LIMA, 1991, p. 43). Quem sabe assim consigamos uma reflexão mais realista, desvendando que, por detrás dos agentes *figurantes da história* (na dupla acepção do termo), pode haver interesses outros, ocultados, nascidos de necessidades de ordem vária, além das do espírito (do viés intelectual): “eram homens de carne e osso, desejosos de encher a barriga, cuidar da família e vencer na vida” (DARNTON, 1989, p. 14). No caso da França, no período que antecede a revolução, e que aqui serve como aporte a esse esboço de método, é possível notar um campo bastante fechado de produção literária, então exclusivamente tutelada pelas políticas do *Ancien Régime*, onde “os escritores alimentavam suas famílias ou com pensões e sinecuras reservadas aos membros de *le monde*, ou com as migalhas atiradas ao *underground*” (DARNTON, 1989, p. 32). Nesse contexto, como indica Darnton, talento, por si só, não bastava. Esse campo da produção não pode ser visto ou analisado como ligado diretamente ao campo econômico ou ao campo simbólico, que o aparato teórico de Bourdieu (2003) se ocupa em distinguir, mas aquele que dialoga diretamente com as estruturas de poder, servindo, pois, a uma elite específica:

Para conseguir publicar um artigo no *Mercur*, ter uma peça aceita pela Comédie Française, encaminhar um livro nos meandros da Direction de la Librairie, ganhar assento numa academia, frequentar um *salon*, era preciso recorrer aos velhos expedientes do privilégio e da proteção (DARNTON, 1989, p. 32).

Não por acaso inferiu Bourdieu acerca desses salões:

Eles são também, através das trocas que ali se operam, verdadeiras articulações entre os campos: os detentores do poder político visam impor sua visão aos artistas e apropriar-se do poder de consagração e de legitimação que eles detêm (BOURDIEU, 1996, p. 67).

Nesse caso, tais personagens compõem um dos substratos da camada *underground*, e assim devem ser analisados de maneira também suspeita: o que está por trás da aura desses nomes?, e quais caminhos percorreram e ao que se sujeitaram para chegarem às instâncias de consagração? Para equacionar a questão, Darnton aposta nos resíduos deixados por alguns aportes, e um deles é “Estudar carreiras, método que parece antiquado e meramente

biográfico, poderia oferecer útil contrapartida ao estudo, mais abstrato, de ideias e ideologias” (DARNTON, 1989, p. 76).

E quem eram esses personagens que permitem dialogar com os nomes então consagrados? Os subliteratos, homens de letras que não conseguiam guarida nas instituições de consagração, então constituídas e aceitas pelo meio intelectual, os *philosophes*. No caso em específico do método que induz a uma visão mais distanciada do que se era então admitido como apropriado a esse círculo, a busca pela história das ideias, que está na periferia dessa esfera, conduz à observação das manifestações que se operavam clandestinamente. Nesse caso, emergem gêneros como libelos, ou ainda a própria manifestação panfletária em um todo, dos agentes da cena *underground*. Afinal de contas, é através deles que se poderá apreender “a visão de mundo da boemia literária: um espetáculo de velhacos e idiotas vendendo-se uns aos outros, sempre vitimados por *les grands*” (DARNTON, 1989, p. 39). Assim, é possível analisar esses ataques como respostas a um senso de pudor construído por aquilo que então se admitia como requinte civilizatório. Os subliteratos eram o contrapeso da balança, e antiteticamente reagiam a todas as instituições de consagração:

Difamavam a corte, a Igreja, a aristocracia, as academias, os salões – tudo que fosse elemento respeitável, sem perdoar a própria monarquia – com uma insolência difícil de imaginar ainda hoje, mesmo em se tratando de gênero com longa carreira na literatura clandestina (DARNTON, 1989, p. 39).

O que pode significar esse tipo de insurgência no campo da vida literária? Uma desconstrução de sentidos, subversão cujo fim não é outro senão a construção de uma nova sociedade e de novos princípios. Em outras palavras, a visão dessa dialética aponta uma ressonância de alas que se digladiam e dentro desse terreno vão, uns formulando sistemas, outros, desconstruindo e debochando dos já constituídos. Tal percepção, não por acaso, aponta, pois, dois grupos, e juntos deles os seus veículos de combate: “Os *libellistes* eram porta-vozes de uma *subintelligentsia* que não só se situava fora dos quadros da sociedade, mas que, em vez de reformá-la por méritos polidos e liberais – os métodos voltairianos –, queria subvertê-la” (DARNTON, 1989, p. 46).

Não é necessário acentuar aqui a importância que tem a leitura das manifestações dos contrapesos, pelo próprio papel que cumpriam de denúncia e de ataque à ordem viciada e vigente. É neles, por exemplo, que se enxergará a gênese de muitas polêmicas travadas no decorrer da vida literária de um tempo, de um povo e de um espaço. Assim, Darnton não só aplica o aporte por ele construído, como sugere mais um ingrediente de exploração à pesquisa que visa ler a cena *underground* a fim de apreender o sentido que se encontra na evidência. *Boemia literária e revolução* indica dois fatos, tomados como ilustrativos ao que aqui se tem dito: com essa atividade de combate, os panfletistas

Haviam explorado todas as grandes crises da história francesa [e] a crise terminal do *Ancien Régime* proporcionava oportunidade única – e os panfletistas mostraram-se à altura da ocasião, empregando toda a artilharia antissocial armazenada (DARNTON, 1989, p. 39).

A tese de Darnton, por fim, é que tanto os filósofos do Iluminismo quanto os subliteratos da cena *underground* atacaram o *Ancien Régime* à sua maneira, por pontos de vista e estratégias bem delimitadas, e que por isso podem ser admitidos como intelectuais da Revolução. Aliás, até trabalharam em conjunto para tal fim. E antes de um maniqueísmo conflituoso, havia, da parte dos “visíveis” e “invisíveis” um *modus operandi* longe dos olhares alheios:

Os *philosophes* queriam arrebatam o comando da opinião pública. Queriam guerrear – transformar mentes, reformar instituições, vingar ultrajes – e não, simplesmente, filosofar em paz. Para eles, o Iluminismo era a luta para difundir as Luzes. Precisavam, portanto, de agentes literários, popularizadores, polemistas, jornalistas e “carregadores” de ideologia (DARNTON, 1989, p. 114).

Na realidade, é possível perceber nessa dicotomia faces que se completam quanto ao ataque. De um lado, “estabelecendo-se, o Iluminismo fez concorrência desleal à fé da elite na legitimidade da ordem social” (DARNTON, 1989, p. 47), enquanto que, “atacando a elite, os *libelles* [dos subliteratos] disseminaram larga e profundamente descontentamento” (DARNTON, 1989, p. 47). E qual o impacto que essa análise tem sobre o método de pesquisa do que está no infradito? Ela repercute na gênese de uma mudança, de um novo comportamento que se estrutura socialmente e atribui prestígio e voz ao que até então fora

silenciado. Na realidade, essa é uma leitura que permite sondar a trajetória intelectual de um movimento, de um grupo ou de uma personalidade, antes de quaisquer congraçamentos ou reconfigurações de sentido. A partir disso, vale a pena retornar ao questionamento fundamental: “Como os escritores tentavam fazer carreira?”, ou ainda, “O que estavam dispostos a fazer para, diante de uma recusa, terem o seu lugar ao sol?”. A resposta não fica, agora, tão distante. E ela ainda pode conduzir, de maneira genérica, ao que se tem dito aqui nas entrelinhas: a sondagem de toda a história *underground* da vida literária se resume, salvo o prejuízo do reducionismo, à corrida em busca do prestígio, da consagração. Afinal, e como indica Badinter: “Do proletariado intelectual, professores, editores, copistas, tradutores à nata dos salões que se considera filósofa ou erudita, todos têm apenas um desejo: pertencer à grande Academia” (BADINTER, 2007, p. 157). Darnton mais uma vez ilustra esse raciocínio com as consequências revolucionárias que se deram na França do século XVIII: “A boemia literária ascendeu, destronou *le monde* e requisitou para si as posições de poder e prestígio. Foi uma revolução cultural que criou nova elite e lhe deu novas tarefas”, pois “A Revolução inverteu o mundo cultural, virando-o às avessas”; agora com uma nova função no jornalismo e na burocracia, e “Destruiu as academias, esvaziou e dispersou os salões, revogou as pensões, aboliu os privilégios e pulverizou as agências e interesses particulares que estrangulavam o comércio de livros antes de 1789” (DARNTON, 1989, p. 47).

Com esse enfoque, a história do pensamento vai sendo compreendida a partir de outro viés. O que queriam esses jovens, atraídos por uma das consequências do internacionalismo artístico, quando correram a Paris em busca de fortuna e prestígio, agora que haviam conquistado o espaço desejado? Ironicamente, parece que a ascensão modificou a busca anterior desses subliteratos e legou transformações profundas ao seu capital simbólico. Agentes da história, os antes subliteratos, comungavam de um sentido maior: o niilismo conduziria, paradoxalmente, à construção de uma nova ordem, porém aberta, os “revolucionários culturais queriam destruir a ‘aristocracia do pensamento’ para criar uma igualitária república das letras numa república igualitária” (DARNTON, 1989, p. 48), e é isso que ajuda a entender as atitudes de mundanismo e iconoclastia tomadas no processo revolucionário. Mais do que o desejo inicial de pertencer à grande Academia, os intelectuais revolucionários compreenderam, por fim, que “As academias e outros organismos literários

devem ser livres, nunca privilegiados”, isso porque “autorizar sua formação sob o amparo de qualquer proteção seria torná-los verdadeiras corporações. Academias privilegiadas são a sementeira de uma aristocracia literária” (LANJUINAIS *apud* DARNTON, 1989, p. 48). Fruto desse processo revolucionário instaurado no século XVIII, Paris logo se tornou, para o mundo,

a capital intelectual, árbitro do bom gosto, e local fundador da democracia política (ou reinterpretada como tal na narrativa mitológica que circulou pelo mundo inteiro), cidade idealizada onde pode ser proclamada a liberdade artística” (CASANOVA, 2002, p. 41).

Retomando a ordem do método, que parte do objeto para o arcabouço teórico, é por essa razão que, mais do que uma atitude, “pesquisar fontes corresponde [...] a um programa que supõe um posicionamento perante a Teoria e a História da Literatura” (ZILBERMAN, 2004, p. 23). E é isso que se vem tentando demonstrar aqui, através dessa busca pelo *underground* da vida literária. Ela reconduz a uma revisão ou antes à coleta de novos dados que até então pareciam omitidos, e que, somados aos já existentes, exigem novas visões e posicionamentos: “Cabe, assim, na pesquisa da conexão entre Iluminismo e a Revolução, examinar a estrutura do mundo cultural sob o *Ancien Régime*, descendo das altitudes metafísicas e ingressando nos cafés apinhados de subliteratos” (DARNTON, 1989, p. 49). As “altitudes metafísicas”, que residem no campo da pesquisa dedutiva, podem levar, como já alertara Kant (2001), à obscuridade e a contradições, porque apoiadas, talvez, em erros e lugares ocultos.

Referências

BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais: desejo de glória (1735-1751)*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 1.

BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado *et al.* São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 99-181.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAUDEL, Ferdinand. História e ciências sociais: uma longa história. In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério F. da (orgs.). *Nova história em perspectiva*. Vários tradutores. São Paulo: Cosacnaify, 2011. p. 86-121.

CASANOVA, Pascale. Princípios de uma história mundial da literatura. In: _____. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 23-64.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 5. ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LIMA, Luiz Costa. Persona e sujeito ficcional. In: _____. *Pensando nos trópicos (dispersa demanda II)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 40-56.

ZILBERMAN, Regina. Minha teoria das edições humanas: Memórias Póstumas de Brás Cubas e a poética de Machado de Assis. In: ZILBERMAN, Regina *et al.* *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 15-117.